

O escuro do (des)encontro com o outro

Déborah J. da S. Dalcol¹

RESUMO

A partir de um caso clínico, este artigo investiga os impasses na construção de laços amorosos no contexto das psicopatologias não neuróticas, situando sua origem em experiências precoces de violência e desamparo. Para tanto, à luz da metapsicologia freudiana e da Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche, o estudo recua aos tempos do autoerotismo e às mensagens intrometidas no Eu-corpo para compreender as falhas na instalação da pulsão e nos processos de tradução-recalcamento diante de um (des) encontro excessivamente traumático com o adulto. O percurso teórico-clínico, nesse sentido, evidencia que a impossibilidade de metabolização desse excesso transbordante gera curto-circuitos pulsionais e arrefece as funções ligadoras do Eu ao longo da vida, o que compromete a preservação narcísica e incide de forma contundente na relação com o outro. Conclui-se, contudo, que a transferência no *setting* analítico oferece uma reabertura à dimensão da alteridade, permitindo, neste caso, novas possibilidades do sujeito de experimentar a si mesmo e a relação com o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopatologias não neuróticas; Psicanálise; Teoria da Sedução generalizada; Constituição psíquica.

¹ Psicóloga, psicanalista em formação na Constructo Instituição Psicanalítica e membro da comissão editorial da Constructo Revista de Psicanálise.

Introdução

“Titia, fale comigo! Estou com medo porque está muito escuro”. E a tia respondeu: “De que lhe adianta isso? Você não pode mesmo me ver”. “Não faz mal”, respondeu o menino, “quando alguém fala fica mais claro” (Freud, 1905/1996, p. 212).

Nos últimos anos, a problemática das psicopatologias não neuróticas tem ocupado um espaço bastante considerável nos estudos, pesquisas e eventos em psicanálise, o que se deve, em grande parte, à presença de elementos clínicos e teóricos específicos da prática clínica na atualidade. Nessa direção, um breve percorrido entre as temáticas exploradas torna possível a presunção de que a produção de teorizações sobre os aspectos estruturantes do processo de constituição psíquica próprio a esses quadros clínicos surge como um ponto em comum.

Diante das amplas discussões que englobam a configuração subjetiva de pacientes não neuróticos, os impasses na construção de uma relação amorosa e prazerosa com o outro parece ser um fator que atesta a fragilidade psíquica nesses casos, incidindo, por sua vez, de forma contundente no tratamento analítico. Portanto, com alicerce em reflexões oriundas do exercício clínico, o presente artigo pretende fazer os seguintes questionamentos: como pensar os entraves no encontro amoroso com o outro desde os tempos primordiais de elaboração psíquica nesses casos clínicos? Haveria uma espécie de curto-circuito no campo pulsional que incidiria no arrefecimento das condições ligadoras possibilitadas pelo eu?

Logo, ao considerar o feitio multifacetado da experiência clínica com os pacientes nos quais o recalque não opera de forma ordenadora e sem a intenção de reduzir esse tema repleto de sutilezas no um a um, a proposta é tomar a metapsicologia freudiana e pós-freudiana como base

dos caminhos escolhidos para serem trilhados neste escrito. Se a citação inicial aqui exposta propõe, em certa medida, que a presença de um outro é capaz de gerar apaziguamento a nível interno, poupando a criança de uma sobrecarga no campo pulsional, os recortes oriundos de um caso clínico buscam descortinar o escuro no qual o sujeito é lançado quando o (des) encontro com o outro é excessivamente traumático.

Nestes casos, a força do pulsional desgarrado encontra um terreno fértil para alojar-se no desamparo experimentado pelo sujeito desde os primeiros tempos. Com efeito, um percorrido pela gênese da constituição psíquica, ao considerar o completo estado de desamparo da criança, perpassa a relação constituída com os objetos primordiais, incumbidos da ação específica (Freud, 1895/1990) e da nova ação psíquica (Freud, 1914/2010).

De fato, as marcas da primeira relação amorosa com o outro, em tese, entre a mãe e o bebê, podem ser bastante determinantes para a vivência das demais experiências amorosas, inclusive no *setting* analítico. É, portanto, com o objetivo de investigar a ressonância dos entraves no encontro amoroso com outro, desde a origem da constituição psíquica, na vida adulta, que se propõe frutíferas costuras entre as vinhetas de um caso clínico de patologia não neurótica com a metapsicologia freudiana e pós-freudiana, a partir de aportes de Jean Laplanche.

1. Nos inícios do eu, o outro

O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro (Freud, 1905/1996, p. 210).

Apesar das várias divergências nas formulações psicanalíticas, a proposição de que o bebê humano nasce em estado de desamparo e na condição de

dependência absoluta em relação ao outro parece ser unânime. De fato, em contraste com qualquer outro ser vivo, que já nasce mais preparado para viver, no caso do recém-nascido, se não existir ao menos um adulto que esteja disposto a investi-lo amorosamente, todo o resto está em risco.

Isso mostra que, em um primeiro momento, para além de atender às necessidades biológicas do bebê, é preciso que exista alguém que, através do próprio narcisismo, seja capaz de banhar libidinalmente a cria humana. A partir de então, pressupõe-se que o adulto, como intérprete do que o bebê manifesta sentir, crie narrativas sobre o que acontece e até mesmo fale por ele no sentido de identificá-lo, oferecendo uma representação de “vir a ser”.

Nessa perspectiva, Freud, em *Novas conferências introdutórias da psicanálise* (1915-1916), lança preposições resgatadas por Laplanche em *Da teoria da sedução restrita à Teoria da Sedução Generalizada* (1988), que considera o adulto como o primeiro agente de excitação do corpo do bebê, o que acontece, primeiramente, por intermédio dos cuidados de higiene e nutrição. Todavia, Laplanche (1988) afirma que mensagens verbais e não verbais, portadoras de um excesso, são veiculadas através do cuidado dispensado pelo adulto, as quais desconhece, uma vez que estão comprometidas pela presença do seu próprio inconsciente e, portanto, impossibilitadas de tradução plena por parte do bebê.

Ao adotar como ponto de partida para compreender a constituição subjetiva o que Freud identifica como *Hilflosigkeit*, Laplanche (1988) assinala que o estado de desamparo psíquico entrelaça-se à temporalidade do autoerotismo, situado, portanto, em época de indiferenciação entre o eu e o outro cuidador, na qual o estado parcial e anárquico da pulsão é imperativo. Nessa perspectiva, Cardoso (2005/2010) complementa que, nos tempos primevos, trata-se de um eu-corpo que, para além de suas funções autoconservativas, sem qualquer fronteira, encontra-se aberto ao outro.

Nesse sentido, a passivação do bebê diante do outro é um elemento crucial na constituição do psiquismo, particularidade amplamente abordada por Jean Laplanche (2003) através da teoria da situação antropológica fundamental. Assim, em um primeiro tempo, o *infans*, enquanto receptor, está passivo em relação às mensagens do adulto por não dispor ainda de meios simbólicos ou de recursos físicos para traduzi-las, impondo uma exigência de trabalho ao psiquismo.

A fim de explicar a premissa de que o outro ocupa lugar fundante na constituição do eu, Laplanche recorre, ao longo de suas exposições, à revolução copernicana para lançar luz sobre o descentramento radical do ser humano em relação à alteridade do inconsciente. Nessa lógica, a concepção de alteridade, conforme trabalhada por Laplanche, viabiliza a compreensão da pulsão e do inconsciente como frutos do inevitável contato com a sexualidade pelo outro.

Nesse momento, é fundamental pontuar que o mesmo adulto que implanta os conteúdos sexuais na criança é quem a ajuda com a metabolização de tais mensagens. Além disso, se, inicialmente, os estímulos despertados pelo cuidado são sentidos pelo bebê de forma difusa e fragmentada, a nível de excitação, espera-se que o outro o auxilie, com o reconhecimento do corpo da criança como uma unidade diferenciada.

Uma vez que a implantação é constituída de mensagens enigmáticas e intraduzíveis em sua totalidade devido ao seu conteúdo sexual, sucede-se o processo de recalcamto originário propriamente dito, ocasionando uma cisão no aparelho psíquico do *infans*. Por sua vez, “o trabalho de domínio e de simbolização deste ‘significante enigmático’ termina necessariamente em restos, ‘*fueros*’ inconscientes, que chamamos ‘objetos-fontes’ da pulsão” (Laplanche, 1988, p. 120), momento em que ocorre a fundação de uma tópica psíquica.

Em outras palavras, se as vivências no decurso do autoerotismo são destituídas de diferenciação entre o sujeito e o objeto, localizadas no território do Eu-corpo e caracterizadas pela passividade e pela fragmentação, é a nova ação psíquica que possibilita uma primeira representação do corpo próprio, inaugurando a unificação narcísica. Para Cardoso (2005/2010), essas vivências estão consequentemente relacionadas com o recalçamento originário que agencia novos limites internos e externos e, sobretudo, constituem solo para a instalação do circuito pulsional.

Perante o exposto até o momento, considera-se essencial destacar um elemento bastante oportuno para a análise do caso clínico posterior. É evidente, conforme a tese laplancheana, a importância do adulto para o advir do sujeito psíquico, na medida em que este não é apenas um agente de cuidados, mas um outro, com sua complexidade inconsciente e sexual. De maneira concisa, o *plus* do sexual que advém do adulto faz com que o bebê seja invadido por excitações que excedem os limiares do autoconservativo, o que exige uma contenção – que precisa, também, ser ofertada pelo outro cuidador.

Ao mesmo tempo, o conteúdo implantado na criança é considerado enigmático, sendo suscetível ao trabalho de retomada simbolizante e ativa, embora existam partes que são irredutíveis ao processo de tradução-simbolização. Laplanche (2015), então, defende a tese de que existem mensagens que não são passíveis de nenhuma retomada ativa para o trabalho de tradução-simbolização por parte do *infans*, constituindo uma “falha radical da tradução” (*ibid.*, p. 201). No processo de intromissão, distinto da implantação, a retomada das mensagens enigmáticas não é possível em virtude de seu caráter violento e excessivo para o aparelho psíquico da criança, gerando ataques pulsionais que podem ser ameaçadores para a constituição do Eu e para a sua preservação, como será visto adiante.

2. A pulsão: do Eu-corpo ao psíquico

Como o homem pode ser “possuído” por mensagens que não consegue traduzir? (*ibid.*, p. 178).

Como pensar, então, a sexualidade diante da mensagem implantada ou intrometida no Eu-corpo da criança, considerando um período anterior ao processo de tradução-recalque? Recentemente, Tarelho (2024a) recorreu à noção de um sexual/pré-sexual para elucidar a perspectiva de que o sexual implantado no Eu-corpo, por meio das mensagens, gera uma excitação transbordante no corpo, na medida em que o Eu, no sentido tópico, ainda não está presente.

Posto isso, parece fundamental ressaltar que o Eu-corpo é o lugar onde mensagens, tanto implantadas quanto intrometidas, serão inscritas, com diferentes níveis de alteridade. Logo, torna-se possível afirmar, com base na noção de dissimetria postulada na *situação antropológica fundamental* de Jean Laplanche, que o corpo-estranho-interno, fruto da sexualidade do adulto, permanece inoculado no Eu-corpo do *infans* e põe em marcha o processo de clivagem de uma tópica.

Nessa direção, Tarelho (2024a) complementa que a inoculação das mensagens no Eu-corpo, diante da ausência do Eu-instância, faz com que o corpo seja central no processo de constituição da pulsão. Assim, a ideia de um sexual/pré-sexual faz alusão ao primeiro tempo de fundação da pulsão, posto que acontece “o enraizamento, no corpo, do sexual transmitido pelas mensagens antes do processo de metabolização e de dessignificação” (*ibid.*, p. 05).

O enraizamento do sexual a nível corpóreo, por sua vez, estaria situado no tempo do autoerotismo, uma vez que, Tarelho (*ibid.*) apoiado na tese da Teoria da Sedução Generalizada de Laplanche, situa a experiência

autoerótica antes do recalque originário e da divisão tópica. De maneira inédita, então, Tarelho (*ibid.*) engendra dois momentos distintos no processo de constituição da pulsão: o autoerotismo, que advém do “recalque originário do objeto”, definição proposta por Laplanche, e a divisão da tópica, que é resultado, em particular, do recalque do autoerotismo.

Vale lembrar, sobretudo, que o corpo tratado no tempo do autoerotismo é fragmentado, sem barreiras psíquicas, e que ainda é inexistente o estado de unificação do Eu que procede do narcisismo. É por essa razão que, antes de acometer o Eu enquanto instância, o ataque da pulsão visa ao corpo, isto é, ao Eu-corpo. Em suma, Tarelho ainda sustenta a proposição de que a pulsão se instala antes do estabelecimento do inconsciente recalcado e, por isso, as finalidades totalizantes do Eu-instância buscariam conter as ameaças da parcialidade pulsional em voga na experiência autoerótica.

Em outras palavras, como bem destaca Tarelho (*ibid.*), o regime desligado do autoerotismo, fadado ao recalçamento, encontra continência nas interdições sustentadas pelo adulto, na proporção em que se caracteriza como alicerce para o estabelecimento do sexual. Dessa maneira, ao adotar a premissa que a gênese do circuito pulsional é circunscrito ao registro do autoerotismo, Tarelho (*ibid.*), com base nas teses que Laplanche elenca em *Vida e morte em psicanálise* (1985), postula que a pulsão, constituída enquanto pulsão de morte, é anterior ao surgimento do Eu-instância e, portanto, ataca desde o interior, inicialmente, o corpo.

Consequentemente, a “pulsão sexual de morte”, conforme denominada por Laplanche, descreve a ligação entre o mortífero e o sexual fragmentado e disruptivo, alusivo ao autoconservativo. É possível afirmar que o excedente indomável de alteridade sexual, que não encontra vias de descarga simultaneamente, passa a habitar o corpo da criança e é capaz de encontrar ressignificação somente *a posteriori*, quando o Eu-instância já se constituiu.

Para prosseguir com a reflexão sobre os primeiríssimos tempos de constituição do sexual, Tarelho (2024a) questiona, por conseguinte, qual seria o destino do Eu-corpo. Nesse momento, apoiando-se nos estudos de Laplanche, o autor recorre à terceira tópica para defender a asserção de que a divisão tópica provocada pelo processo de recalçamento gera uma cisão no Eu-corpo, de modo que uma parte do autoerotismo permanece na condição de alteridade no aparelho psíquico. Logo, tendo em conta o desligamento que caracteriza a experiência autoerótica, a tradução deixa para trás restos impossíveis de simbolização.

Com efeito, como apresentado acima, o segundo momento da constituição da pulsão trata do processo de recalçamento das vivências autoeróticas, o que faz alusão à fundação de uma diferenciação a nível tópico do aparelho psíquico, viabilizando a fixação de mensagens não traduzidas no inconsciente recalçado (*ibid.*). Contudo, se o primeiro tempo recai, em particular, sobre o recalçamento originário do objeto, o segundo tempo exige que o adulto imponha à criança novos processos tradutivos que fracassam devido ao desligamento da sexualidade.

Assim sendo, “o Eu é resultado do processo de tradução, cujo lado negativo – isto é, o fracasso parcial – é representado pelo recalque” (*ibid.*, p. 14), o que significa que as vivências autoeróticas, passo a passo, sujeitam-se às limitações impostas pelo Eu-instância, que busca conter a parcialidade das pulsões neste tempo. De fato, a finalidade unificadora do narcisismo, por intermédio das simbolizações, é, também, um trabalho que demanda auxílio do adulto, já que, a partir do autoerotismo da criança, ele entra em contato com as partes erógenas do seu corpo, outrora recalçadas.

Com base nisso, é possível inferir que as experiências sentidas pela criança no corpo ao decorrer do autoerotismo servirão de tecido residual para a costura do Eu enquanto instância, o que está implicado, sem dúvidas, nas

condições possibilitadas pelo adulto no enfrentamento do regime desligado das pulsões parciais. Dessa maneira, a ideia de que “para o pequeno ser humano, o problema de abrir-se ao mundo é um falso problema; a única problemática será, isto sim, a de se fechar, de fechar um si mesmo, ou um ego” (Laplanche, 1987/1992, p. 100) corrobora com a tese que a divisão da tópica, base para o surgimento do Eu, constitui-se por meio das tentativas de tradução do excesso de sexual nos tempos originários.

Em último, ao examinar as primeiras inscrições no psiquismo, constata-se que, quando os entraves sentidos pela criança no encontro com o outro incidem no Eu-corpo, pode ocorrer uma espécie de curto-circuito no campo pulsional, em virtude do caráter fragmentado, parcial e desligado que deve ser contido neste tempo. Tal situação, em momento posterior, é capaz de ocasionar o arrefecimento das condições simbolizantes possibilitadas pelo Eu-instância, enquanto unidade que cumpre ligações narcísicas.

3. Do outro ao Eu

Simplemente esta descoberta que o processo vem originalmente do outro. Os processos nos quais o indivíduo manifesta sua atividade são todos secundários em relação ao tempo originário, que é aquele de uma passividade: aquela mesma da sedução (*ibid.*, p. 357).

O Eu, enquanto instância, é efeito sobretudo das exigências do trabalho de tradução do excesso pulsional, desligado e disruptivo, que advém do outro e atravessa os tempos originários de constituição do aparelho psíquico do ser humano. Assim, a teoria laplancheana coloca em evidência que o Eu-corpo, através das experiências autoeróticas – palco da situação antropológica fundamental –, torna-se precursor do Eu-instância.

Nessa direção, na medida em que o outro inocula na criança um *plus* indomável de sexual por intermédio dos cuidados primários, as interdições impostas pela dupla parental, diante das reações incitadas pelo autoerotismo do *infans*, provocam um movimento tradutivo, colocando em curso a fundação de uma tópica, de modo que, para Tarelho (2024b):

[...] ao exigirem que a criança mude de regime pulsional, isto é, traduza o funcionamento autoerótico num funcionamento narcísico, elas (as interdições) não apenas estimulam o processo de simbolização significativa como disponibilizam a força da qual a criança necessita para dar o segundo passo importante do recalçamento (p. 144).

Portanto, o Eu surge como efeito e agente do processo tradutivo que busca a unificação do que era fragmentado e parcial, concedendo uma totalização do corpo da criança, de acordo com o endereçamento amoroso que provém, ou não, do outro cuidador. Da mesma forma, as mensagens inconscientes endereçadas ao *infans* podem ter, mais ou menos, componentes mortíferos. Contudo, uma vez que a criança se sente reconhecida e amada pelo outro, uma rede ligadora começa a ser tecida na formação do Eu, que se configura para tentar traduzir e fornecer contenção para os elementos pulsionais, embora existam partes que não são passíveis de tradução completa e se tornam estrangeiras dentro do próprio sujeito (Laplanche, 1993).

Nessa perspectiva, o núcleo de alteridade que habita o sujeito se comporta como um inimigo interno, isso porque, ao mesmo tempo em que se põe como fonte da pulsão, também fornece substância para os ataques pulsionais que se tornam ameaçadores para a formação e preservação do Eu. Com efeito, “o ataque da pulsão supõe sempre um tempo em que ela ataca o ego²”

2 Neste momento, em conexão com o exposto anteriormente, indica-se a compreensão de ego como Eu-corpo.

(Laplanche; Cardoso, 2000, p. 59), de modo que, ao retomar o conceito de pulsão de morte da tese freudiana, Laplanche afirma que a agressividade contra si mesmo precede à agressão voltada ao outro, ao mundo externo.

Não há dúvidas de que Laplanche concebe a existência de uma força atacante dentro do próprio sujeito, que, na proporção em que o habita, ameaça a formação egoica, dado que, originariamente, a pulsão de morte é pulsão que nos constitui. Em suma, é possível concluir que esse inimigo interno vai ser mais ou menos ameaçador de acordo com os investimentos amorosos realizados pela dupla parental que, por sua vez, funcionará como revestimento narcísico para o Eu.

4. O caso clínico de Hugo

Quando o (des)encontro com o outro – protagonista na estruturação do Eu – é excessivamente traumático e se funde com o desamparo das origens do *infans*, quais seriam os efeitos para as ligações narcísicas do sujeito, consigo, com a sua vida e com o outro? Pensando nisso, o ensejo para a escrita deste artigo teve origem em um caso clínico que, desde as primeiras sessões, promove diferentes questionamentos acerca dos tempos originários de construção do aparelho psíquico, sobretudo daquilo que se refere às relações com os objetos primordiais.

Hugo, 38 anos, se queixa repetidamente de “uma vontade muito concreta de morrer”, decorrente, em particular, das rupturas bruscas e traumáticas nos relacionamentos amorosos. Em sua maioria, os términos são iniciativas da parceira e não dispõem de motivos aparentes, conforme ele conta: “Estava tudo perfeito, indo bem... com planos para o meu aniversário, para o carnaval... ela já estava se referindo a mim como um namorado e tudo mais... e, num final de semana, ela mudou completamente”.

Diante de cada decepção, Hugo mostra-se acometido pela sensação de desmoronar, de se despedaçar, mostrando ser insuportável a perda do outro, uma vez que se lançava em um estado de total desamparo, afirmando que “todo término é sempre o pior término da minha vida”. Essas situações eram acompanhadas de fantasias de morrer e de atuações que colocavam a sua vida em risco: “Esse final de semana, eu fui para uma praia com uma amiga... e, lá no fundo, eu pensei que tudo bem se a gente morrer numa viagem... para mim, seria bom porque acabaria com tudo”.

Na sequência, as ausências, os silêncios prolongados e os ataques contra o tratamento denunciavam a dor que inundava o interior do seu frágil aparelho psíquico, o que é exposto por Hugo em tom de refutação: “Parece que estou repetindo as mesmas coisas aqui. É o momento mais difícil do dia, porque é quando paro para pensar e tenho que falar... isso não parece estar me ajudando nessa questão [referindo-se ao aspecto amoroso]”. Ele estava certo: o trabalho em sessão demandava que, repetidamente, entrasse em contato com vivências de intenso sofrimento, de modo que uma cisão psíquica emergia, alastrava-se dentro de si e culminava em uma espécie de desligamento que, além de estar a serviço da sobrevivência psíquica, assegurava o seu distanciamento do campo dos afetos e dos pensamentos, isolando-se de si mesmo e do outro.

A força do outro na constituição do psiquismo é uma das teses fundamentais na metapsicologia freudiana e sobretudo pós-freudiana e lança luz sobre a importância de que exista, desde os inícios da vida, uma relação amorosa com o outro. Assim sendo, Freud entende que, nos primeiros tempos, o desamor do outro cuidador chega à criança, então, como ameaça à sua própria existência, complementando que “se ele perde o amor do outro, de quem é dependente, então ele também perde a proteção contra diversas espécies de perigo” (Freud, 1930/2020, p. 378).

Em outras palavras, se para investir e amar a si próprio e a um outro é preciso, anteriormente, ter sido investido e amado pelo outro, no caso de Hugo, os efeitos das experiências de violência e desamparo em tempos tão primordiais de sua constituição pareciam refletir tanto a dificuldade de proteger e defender a si próprio quanto no que ele mesmo descreve: “Parece que há uma combinação... não conseguir manter relações e também não consigo satisfazer a necessidade de me sentir amado”. Nessa direção, a necessidade de se sentir amado pelo outro tem relação com o fato de que, ao trazer o filho à vida e amparar a sua existência, também é possibilitada a construção de fronteiras narcísicas e egóicas.

Em outros momentos, a raiva que sentia e pouco podia expressar ocupava o espaço das sessões, “com pequenas explosões de fala”, diante de um enredo de (des)encontros amorosos, no qual a condição de desamparo aparecia como combustão. A conta-gotas, o traumático vivido por Hugo desde muito cedo foi sendo noticiado, o que incluía demasiada violência física por parte do pai, na presença de uma mãe que não dizia ou fazia nada, mostrando consentir com os maus-tratos, o que surgia em seus sonhos traumáticos:

O sonho com a minha mãe foi que ela estava no hospital, estava doente e o enfermeiro ficava me perguntando coisas e eu tinha que tomar algumas decisões, enquanto a minha mãe falava que eu só gostava dela enquanto ela estava doente... e isso levou a uma discussão, a uma briga, em que eu falei “o pai nos batia e tu não fazia nada”...

É relevante pontuar que, por ser algo que aparece tão cedo na vida do *infans*, antes mesmo de ele apreender os efeitos de uma divisão tópica, as sensações precoces de desamparo e abandono provenientes das dificuldades enfrentadas pelo outro, somadas aos episódios de violência, impedem que qualquer processo tradutivo se estabeleça, uma vez que a capacidade de

simbolização e metabolização da criança é esvaída diante do excesso de traumatismo. Vale ressaltar, ainda, que a malha simbólica estabelecida no interior do Eu, que atua na defesa e preservação do sujeito, possui estreita relação com a maneira na qual o bebê foi ajudado ou não por um adulto cuidador a lidar com as pulsões parciais, desligadas e atacantes das vivências autoeróticas.

Na entrevista concedida a Marta Cardoso em 2000, Laplanche é bastante claro ao afirmar que as pulsões são autoagressivas antes de se constituírem como ataque ao outro. A noção de um inimigo interno, proveniente de um núcleo completamente desconhecido que habita o sujeito, está apoiada na constatação de que a sexualidade inconsciente do adulto, inoculada no Eu-corpo da criança em tempos de passividade, pode representar grande ameaça para o psiquismo em formação, sobretudo diante do conteúdo da mensagem do outro que resistiu à simbolização. Logo, “todo o movimento do ser humano consiste em negar, reintegrar a alteridade” (Laplanche, 1999/2023, p. 14).

Embora as experiências frustrantes que Hugo vivenciou estejam concentradas, majoritariamente, no campo amoroso, os insucessos no ambiente acadêmico e profissional também são sentidos como perdas irreparáveis. Com efeito, no caso de Hugo, há a impressão de que os momentos nos quais se sente mais frágil psiquicamente servem de palco para os ataques pulsionais, ameaçadores para a preservação do Eu:

Eu lembrei agora, me veio uma música na cabeça enquanto tu falava isso... que é do Lobão... eu sempre interpretei de um outro jeito, mas agora me veio com outro sentido... que é “eu não posso causar mal nenhum a não ser a mim mesmo”... eu sempre interpretei como “sou inofensivo”, mas agora interpretei como “não quero causar mal nenhum, a não ser a mim mesmo”...

Ainda pouco exteriorizados para fora de si, os ataques pulsionais que promovem curtos-circuitos no interior de seu aparelho psíquico parecem impedir que ele tenha uma vida adulta saudável, sustentados, em particular, no excesso de traumatismo durante a sua infância, como ele conta: “A violência dentro de casa sempre foi mais esperada... o que é estranho, porque a rua devia ser mais perigosa. Mas eu esperava que o meu pai pudesse me bater a qualquer momento”. Para aprofundar esse aspecto, retoma-se a ideia de intromissão no percurso laplancheano, que, enquanto variante violenta, causa uma espécie de paralisação nas possibilidades de metabolização, ocasionando uma fratura no processo de recalçamento.

Ademais, a falta de amparo e investimento amoroso, tão cruciais durante a infância, manifesta-se como um elemento que parece obstaculizar os encontros amorosos de Hugo na atualidade, sendo recordada pelo paciente no seguinte relato: “Eu lembro vagamente dos meus aniversários... aí havia uma ligação constrangedora com a minha mãe”. “Por que constrangedora?”, questiono, e, então, ele conta:

Porque envolvia um carinho que era necessário, exigido do aniversário... receber esse carinho era constrangedor... me lembrei agora como é difícil para algumas pessoas receber elogios, e é um pouco parecido... eu sentia que para a minha mãe também não era algo natural... era forçado... essa troca de carinho exigida nessas situações não parecia algo natural... acentuava a ausência disso em todos os outros momentos... como tínhamos que dar abraços, era como dar um abraço em um estranho na rua...

Se a própria mãe é sentida como estranha, como será possível construir qualquer relação de intimidade com outra pessoa? Se o adulto que, nos primeiros tempos, devia oferecer cuidado e proteção é quem lança a criança

no escuro do desamparo, de que forma o sujeito vai ser capaz de preservar a si próprio? E se, além de não encontrar o amor do outro, a criança for exposta ao ódio da violência e à indiferença do não-olhar, como ela poderá amar a si mesma, a sua vida e ao outro em tempos futuros?

Sem dúvida, os efeitos dos desencontros amorosos também repercutem de forma contundente no *setting* analítico e, no caso de Hugo, pretende-se que, pouco a pouco, ele possa se encontrar consigo e com a sua história através do encontro comigo: “Agora é o primeiro momento, a primeira vez que eu penso que há uma luz... é agora que eu enxergo que há uma luz, uma esperança de que não sou um caso perdido”. Afinal, o tratamento psicanalítico é o espaço onde, por intermédio da transferência, “oferece[-se] uma reabertura da dimensão da alteridade. Mas, é claro, nesta abertura alguma coisa deve vir a se colocar: aquilo que, precisamente, foi confinado” (Laplanche, 1993, p. 81).

Considerações finais

A qualidade dos investimentos do outro cuidador nos primórdios da vida parece ser determinante quando se trata da constituição do psiquismo. Assim, a importância do adulto para o advir do sujeito psíquico é atestada em diferentes teses psicanalíticas, ao entender, paralelamente, que o outro não é apenas um agente de cuidados, mas uma pessoa com sua complexidade inconsciente e sexual.

Nessa direção, é possível afirmar que a presença amorosa do outro, em tempos de autoerotismo, é capaz de gerar apaziguamento a nível interno, poupando a criança de uma sobrecarga no campo pulsional, uma vez que o *plus* do sexual que advém do adulto faz com que o *infans* seja invadido por excitações que excedem os limiares do autoconservativo. Logo, a partir

da exposição de recortes oriundos do caso clínico de Hugo, buscou-se compreender as vicissitudes do escuro no qual o sujeito é lançado quando o desencontro com o outro é excessivamente traumático.

Com efeito, a força do pulsional desgarrado, no caso de Hugo, pareceu encontrar um terreno fértil para alojar-se no desamparo experimentado por ele desde as vivências precoces. Em outras palavras, quando os investimentos do outro fracassam ou nem ao menos existem, o aparelho psíquico se mostra incapaz de criar recursos para que, mediante os ataques pulsionais, haja a preservação e proteção do Eu.

Por fim, no caso de Hugo, diante das situações atuais de desencontro amoroso com o outro, a condição de desamparo aparecia como combustão para que uma espécie de curto-circuito no campo pulsional acomesse o interior do seu frágil aparelho psíquico. Na sequência, o arrefecimento das condições ligadoras viabilizadas pelo Eu colocavam a sua integridade psíquica e física em risco, o que, sem pestanejar, repercutia, conforme apresentado, no tratamento analítico.

Bibliografia

Cardoso, M. M. Entrevista com Jean Laplanche. *Caderno Psicanalítico SPCRJ*, v. 16, n. 9, pp. 57-82, 2000.

Cardoso, M. M. (2005) A servidão ao “outro” nos estados limites. In: Cardoso, M. M; Garcia, C. A. *Entre o eu e o outro: espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, 2010.

Freud, S. (1895) Projeto para uma Psicologia Científica. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (vol. I). Rio de Janeiro: Imago, 1990.

- Freud, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* de Sigmund Freud (vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos: 1914-1916. In: Freud, S. *Obras completas* (vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 309-309.
- Freud, S. (1930) *O mal-estar na civilização*. Campinas: Cienbook, 2020.
- Laplanche, J. Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In: Laplanche, J. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988, pp. 108-125.
- Laplanche, J. (1987) *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Laplanche, J. (1993) *Apoio e narcisismo I*. In: Laplanche, J. Freud e a sexualidade: o desvio biologizante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- Laplanche, J. Da transferência: sua provocação pelo analista. *Percursos*, São Paulo, v. 6, n. 1, pp. 73-83, 1993.
- Laplanche, J. Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada. *Revista de Psicanálise da SPPA*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 403-418, 2003.
- Laplanche, J. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Porto Alegre: Editora Dublinense, 2015.
- Laplanche, J. (1999) Sedução, perseguição, revelação. In: Laplanche, J. *Entre sedução e inspiração: o homem*. Porto Alegre: Dublinense, 2023, pp. 13-51.
- Tarelho, L. C. A realidade psíquica e a tópica da clivagem. *Constructo Revista de Psicanálise*, Porto Alegre, v. 09, n. 1, 2024a.
- Tarelho, L. C. Nos bastidores do ódio: a sombra irreduzível e ameaçadora do outro. (Um aprofundamento da discussão sobre a tópica da clivagem). In: Lattanzio, F.; Belo, F. *Incidências da alteridade e do sexual na clínica psicanalítica: uma abordagem laplancheana*. São Paulo: Zagodoni, 2024b.

Déborah Dalcol

Rua Dr. Pantaleão, 181/302

Santa Maria – RS

deborahdalcol@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise